



O FACEBOOK E A LITERATURA: linguagens possíveis

Ocinei Trindade de Oliveira
(Mestre em Cognição e Linguagem- UENF)

Resumo: Neste ensaio, observa-se a relação que a maior rede social digital da atualidade – o Facebook – pode oferecer às práticas literárias, biográficas e autobiográficas. A criação da rede social contada pelo escritor americano Ben Mezrich e pelo cineasta David Fincher sobre o empreendimento de Mark Zuckerberg possibilita especularmos acerca de possíveis contribuições de produção de escrita em variados gêneros, mas especialmente a biografia e a autobiografia. Inspirado em conceitos de Philippe Lejeune, Marisa Lajolo, Marcuschi e Xavier, Terry Eagleton, Antoine Compagnon e Ted Nelson, o texto propõe refletir sobre literatura e o papel da rede social como fonte de leitura e narrativas ficcionais (ou não); e possíveis transformações na produção literária com a utilização da Internet em diferentes suportes digitais para além da linguagem escrita: audiovisual e hipertextualmente.

Palavras-chave: Facebook, Literatura, Redes Sociais, Transliteratura, Hipertexto

1. Introdução

Para onde caminha a literatura e seus leitores? Na história das comunicações, a partir de 2004, quando foi inaugurada, a rede social Facebook se tornou referência como veículo e suporte para a prática de escritas distintas, sítio de interação e integração comunitárias, intercâmbio de ideias e informações. O Facebook até o início de 2016 possuía 1,6 bilhão de usuários conectados. No Brasil, no mesmo período, havia 99 milhões de pessoas cadastradas na rede¹, quase metade da população do país.

A *World Wide Web* é alimentada por conteúdos desenvolvidos por internautas que produzem e compartilham dados, textos, documentos, produções audiovisuais a todo instante. Por dia, é difícil precisar a quantidade de informações transmitidas em números, mas podem superar a casa de bilhões, trilhões ou mais. Os compartilhamentos de dados e documentos se dão por meio de redes variadas, desde o correio eletrônico aos *chats*, dos blogs às mídias digitais abrigados em plataformas e portais virtuais, *sites* de notícias, empresas, governos, organizações políticas e não governamentais. O mundo pode ser facilmente explorado no ciberespaço, basta estar conectado. Boa parte do compartilhamento de conteúdo realizado por usuários se concentra no Facebook, rede criada pelo americano Mark Zuckerberg e pelo brasileiro Eduardo Saverin há mais de uma década.

Por despertar e atrair tantos interesses comunicacionais e financeiros, o Facebook também se notabilizou no cinema e na literatura nos últimos anos. Sua origem foi contada no livro *Bilionários por acaso: a criação do Facebook, uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição* (2009) pelo escritor americano Ben Mezrich. A obra foi adaptada para

¹ Disponível em < <http://www.guiase.com.br/numeros-do-facebook-e-whatsapp-surpreendem-no-brasil-e-no-mundo/#> > acessado em março de 2017



o cinema pelo diretor David Fincher que lançou no seguinte ano o filme *A rede social* (Estados Unidos, 2010).

Pode-se dizer que o Facebook passou a contar com uma *biografia* literária e cinematográfica desde então. Seus bilhões de usuários também possuem biografias na rede. Um dos critérios de cadastro de perfil no sítio digital é apresentar dados pessoais como nome completo, cidade ou país de origem, lugar onde mora, dados de escolaridade e profissão, gostos pessoais, lugares frequentados, pessoas e assuntos que admiram ou interessam, entre outros. Em princípio, estes dados são verdadeiros, embora não seja impossível inventar perfis falsos ou fictícios na rede ou em qualquer *site* na Internet.

A partir da filiação à rede social Facebook, o usuário tem a oportunidade de interagir e de se comunicar com os outros bilhões de usuários cadastrados na rede. Ou, se preferir, cada membro da comunidade pode criar sua própria rede de relacionamentos pessoais e interpessoais, sendo livre para aceitar ou não os convites feitos pelos usuários que compõem o Facebook. Uma rede de *amigos* pode abrigar até cinco mil pessoas de acordo com os critérios do próprio *site*. Para superar esta quantidade, é preciso fazer um outro tipo de cadastramento como *figura pública* para poder contar com número ilimitado de seguidores da página do perfil.

Entre as atividades realizadas por usuários das redes sociais em geral, escrever e postar fotos são as mais comuns e frequentes. O texto pode ser compartilhado sem a utilização de imagens estáticas ou móveis e vice-versa. Entretanto o uso da palavra escrita como instrumento e ferramenta de comunicação nas redes sociais digitais é quase unânime. A produção textual no ciberespaço alcançou um volume antes jamais visto na história da escrita ou da literatura, pelo que se tem conhecimento.

Apesar de a relevância dos livros impressos continuar em evidência, constata-se que o texto virtual na rede mundial de computadores atingiu incomparáveis índices de alcance de público. A escrita pessoal na Internet se manifesta em *sites* de notícias que abrem espaços para leitores comentarem suas opiniões; em páginas de empresas comerciais que permitem aos consumidores abordarem sobre seus produtos e serviços; e ainda, em sítios virtuais de governos e de organizações não governamentais que abrem canais em rede para que os cidadãos possam se manifestar. Todas essas possibilidades de escrita se tornaram corriqueiras, nas últimas décadas, e estão disponibilizadas quase sempre de modo irrestrito.

As intimidades ou opiniões reveladas em textos e imagens passaram a fazer parte da rotina de usuários das redes sociais digitais de modo rápido e descontraído. São informações consumidas maciçamente por um público heterogêneo que, ora se porta como espectador-leitor, ora como protagonista-autor em escritos e postagens diversos. Depois do surgimento da imprensa, do telégrafo, do telefone, do rádio, do cinema e da televisão, com a chegada da internet, adquirimos novos hábitos de comunicação e expressão. A leitura e a escrita se tornaram atividades ainda mais frequentes. Ambientes foram criados na rede para abrigarem ideias e opiniões de cidadãos comuns. As cartas escritas à mão e o antigo diário pessoal foram repaginados, atualizados e transformados em coisa pública a partir da criação de um diário virtual escrito por internautas: a rede social digital.

2. As escritas íntimas e eletrônicas

Os *blogues* ou *blogs*² surgiram no período de popularização da Internet no fim dos anos 1990 como espaço de criação e manifestação textuais livres. Amplamente democrático, o

² Palavra derivada de *weblog*, que por sua vez resulta da justaposição de *web* (significado de rede) e *log* (registro de alguma atividade) que se transformou em *blog*. Numa tradução livre *blog* é um diário *on line*.



blog inaugurou um movimento na rede mundial de computadores; despreendeu-se da dependência do texto impresso imposto por editoras de livros, jornais e revistas, permitindo ao internauta/leitor, espaço franqueado e ilimitado para ser também autor de textos. No blog, a permissão de comentários feitos por leitores faz com que o texto postado seja constantemente atualizado. Pode-se afirmar que o blog funcionou e ainda funciona como uma rede social digital. Naquele momento, surgiu o termo *blogosfera* como define Hewitt (2005).

No início do século XXI, já se notava a mudança de comportamento e hábitos de milhões de pessoas na obtenção de informações. Antes, jornalistas e escritores começaram um movimento de migração dos veículos de comunicação de massa e editoras de livros para o ambiente virtual da *Web*. Havia a necessidade de se atingir variados públicos com um formato mais independente de noticiar e contar histórias. Por sua vez, também existiam muitos consumidores interessados em notícias e em leituras de entretenimento produzidas por fontes confiáveis, com traços de autenticidade e liberdade de opinião mais abrangente (diferentemente do que ocorre em muitas empresas de comunicação e editoras de grandes portes). Representantes da indústria de notícias e de livros conheceram os concorrentes blogueiros na Internet e tiveram que se adaptar aos novos hábitos de leitura que passaram a ser experimentados e praticados. Um dos pioneiros dos blogs jornalísticos nos Estados Unidos, Hugh Hewitt constatou em seu livro: “Uma infestação blogueira é um dos primeiros sinais de surgimento de uma tempestade de opinião, que, quando ocorre, modifica completamente a visão que o público em geral tem de uma pessoa, um lugar, um produto ou um fenômeno” (HEWITT, 2005, p.30).

Por um bom tempo, os blogs protagonizaram a preferência de um determinado público leitor como rede social. Muitos internautas se aventuraram a criar seus diários *on line*, e alguns se tornaram fenômenos de audiência com números elevados de seguidores. No Brasil, nos anos 2000, por exemplo, o blog da então prostituta Bruna Surfistinha³ alcançou enorme repercussão e audiência com suas confissões detalhadas da rotina sexual. Entretanto na Internet a novidade pode envelhecer com tamanha rapidez. A busca por novas atrações na *Web* é voraz.

A cada instante, surge um novo site para atingir o maior público possível. Apesar de os blogs estarem ainda em funcionamento, constata-se que o interesse por eles diminuiu por parte de internautas na última década. A quantidade de blogs se multiplicou em um oceano de páginas na rede. Em 2009, segundo Marcuschi (2010), existiam 100 bilhões de *webpages* indexadas à Internet. A criação de várias redes sociais, entre as quais o Facebook, contribuiu para o aumento de oferta e promoção de conteúdos digitais.

Assim como no universo editorial, onde determinados tipos de gêneros literários mudam de acordo com os interesses e preferências do público leitor, no mundo virtual, ocorre algo parecido. Cada internauta é um consumidor em potencial, o que faz a concorrência entre empresas de comunicação e informação ser bastante acirrada, a fim de atrair usuários que possam consumir produtos anunciados em suas páginas virtuais.

Em janeiro de 2004, entrou em operação a rede social americana Orkut⁴, desenvolvida pelo engenheiro e projetista turco do Google, Orkut Büyükkökten. A rede, que a princípio serviria apenas aos norte-americanos, caiu no gosto popular em vários países com destaque para o Brasil e Índia, onde o número de usuários superou as expectativas. Foram 30 milhões de pessoas cadastradas no Brasil durante dez anos. Em 2014, foi anunciado o fim das

3 Pseudônimo de Raquel Pacheco. Seu blog se tornou autobiografia em livro *O doce veneno do escorpião-confissões de uma garota de programa* (2005), escrito pelo jornalista Jorge Tarquini. A obra foi adaptada por Marcus Baldini para o filme *Bruna Surfistinha* no cinema, em 2010.

4 Dados fornecidos pelo Google.



atividades do Orkut. Motivo: perda do interesse do público para outras redes sociais como o Twitter e o Facebook. O Google criou um museu virtual de comunidades disponibilizado um acervo de mais de um bilhão de mensagens trocadas em 120 milhões de tópicos de discussão. Durante o período de operação, o Orkut reuniu cerca de 51 milhões de comunidades em seu domínio.

Assim como um livro que sai de circulação ou uma obra de edição limitada, questiono sobre o destino incerto da imensa produção textual criada em ambiente virtual. Por vezes, torna-se tão ou mais difícil acessá-la quando é retirada da Internet, assim como um livro que não passa da primeira edição ou com tiragem mínima. Porém, no caso exemplificado do Orkut, ainda há registros de comunidades que criaram conteúdos e que foram preservados como memória ou referência.

Se a literatura existe para ser acessada e consumida por leitores, estes mesmos leitores também podem descartá-la quando lhes convier? Parece que sim. Contudo, quando o texto demonstra possuir fôlego e força suficientes para cair no gosto do público leitor e da crítica, sua reprodução ocorre de um modo ou outro, seja no ambiente real, seja no virtual. Percebemos que a perenidade e a efemeridade do texto ainda seguem indefinidas e instáveis na *Web*.

Apesar da alta produtividade da escrita em redes como o Facebook, ainda não temos a clareza suficiente para considerá-la também como um tipo de literatura ou gênero literário. Rótulos e definições nos perseguem, por isso, estejamos atentos. Se a literatura sofreu transformações ao longo da história, adquirindo novos formatos e estilos, talvez, necessitemos de mais um longo período para saber o que marcará a literatura do século XXI. Uma característica, provavelmente, já é possível ser percebida: a influência digital, o hipertexto, a não linearidade, a fragmentação da escrita e da leitura têm sido vivenciadas pelas diferentes gerações que convivem no atual momento da comunicação mundial.

Não é de hoje que teóricos, críticos, autores e leitores se debruçam sobre o tema e debatem acerca da suposta definição do quem vem a ser *literatura* e suas derivações. Se o tema ainda causa inquietações e questionamentos não custa perguntar outra vez: o que é literatura? Ou melhor: o que é literatura em tempos de redes sociais digitais? Se algo mudou na forma de escrever e de se expressar com o advento da Internet, como abordar a participação da literatura neste momento da história em que a escrita se tornou liberta de determinadas regras provenientes do meio impresso? A indústria do livro, jornais e revistas se firmou nos últimos cinco séculos, mas suas estruturas foram abaladas e reformuladas a partir da Internet.

Em Lajolo (1982), encontramos algumas reflexões sobre os variados conceitos e debates a respeito da literatura. Ela afirma: “Não existe *uma* resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura. Respostas e definições – vê-se logo – para uso interno” (LAJOLO, 1982, p.25). Em sua abordagem, a decana da Universidade de Campinas faz menção às centenas de tentativas na história de se definir o que é literatura, as investidas para criar critérios de identificação sobre o que torna um texto *literário* ou *não literário*, o tipo de linguagem empregada, as intenções do escritor, os temas e assuntos de que trata a obra, a natureza do projeto do escritor, entre outras especulações. O levantamento feito pela pesquisadora paulistana é do início dos anos 1980, um período relativamente nem tão distante desta era digital em que nos situamos, em que a escrita e a publicação de textos se tornaram muito mais abundantes ou profusas que no século XX. Independentemente da época, suas palavras e análises prosseguem úteis e oportunas neste século também:



De qualquer forma, a ascensão e queda de conceitos de literatura parece seguir uma dinâmica própria e não exclusiva: pensadores, escritores, artistas e demais interessados discutem, escrevem, polemizam (antigamente às vezes até duelavam!) e, com isso, modulam conceitos que parecem explicar de forma convincente o que é literatura em vista da produção de seu tempo. Giram os ponteiros. De repente, começam a surgir novos tipos de poemas; romances e contos passam a manifestar perfis inovadores, surgem formas novas e não previstas de criação literária e...engatam-se novas discussões, novas teorias, até que a poeira assenta para de novo levantar-se em nuvem tempos depois (LAJOLO, 1982, pp.25-26).

Antes do surgimento das máquinas, desde a criação da escrita, o homem também aprendeu a *falar* com os dedos. Na obra de Mezrich (2009) onde se conta sobre os bastidores da fundação do Facebook, sabe-se que Mark Zuckerberg, antes de pôr em prática a rede social na Internet, também dispunha de um blog em que narrava opiniões sobre a rotina na universidade, desventuras e frustrações sentimentais, além de criticar alguns segmentos da sociedade publicamente por meio do diário eletrônico. Ele e tantos outros de sua geração se moldaram diante de uma tela de computador, aprenderam a *existir* e a se *manifestar* por meio da digitação de palavras e frases *on line*. No quinto capítulo intitulado “A última semana de outubro de 2003”, o autor apresenta um momento de descontentamento amoroso e fúria do protagonista. Este depositava, na estreita relação com o computador pessoal, momentos explosivos e catárticos a partir da escrita em seu blog a ser alimentado:

Desde o ensino médio, vale observar, seus pensamentos pareciam tornar-se mais claros à medida que os deixava sair por meio dos dedos. Para quem via de fora, a relação que mantinha com o computador parecia muito mais delicada do que qualquer outra relação com qualquer pessoa no mundo exterior. Sua maior felicidade era ver o próprio reflexo na tela. Talvez, lá no fundo, tivesse a ver com controle. Ou talvez fosse mais do que isso, quase uma espécie de simbiose que começou a crescer depois de anos de prática. O jeito como os dedos de Mark percorriam as teclas; era àquele lugar que ele pertencia. Às vezes, parecia que era o único lugar a que pertencia (MEZRICH, 2010, p.42).

Na sequência, o autor descreve uma outra prática realizada de forma simultânea com a postagem no blog de Zuckerberg, em que este se conectava com amigos por *e-mail*. Chama a atenção que, em 2003, o correio eletrônico se encontrava no ápice ou no período áureo dentro da comunicação digital, como salienta o escritor no texto: “...e a maior parte dessa comunicação ocorria, como sempre, via email. Ninguém em seu círculo de amizades usava mais o telefone; tudo era via e-mail. Tirando Eduardo, quase todos eram tão apaixonados por seus computadores quanto Mark” (MEZRICH, 2010, p. 43).

Podemos considerar que as antigas cartas escritas à mão e os diários preenchidos nos cadernos pessoais foram atualizados de forma rápida, eficiente e muito bem aceita pelos internautas em seu formato digital de documentação transmitida nos *e-mails* e *blogs* compartilhados. A escrita íntima e pessoal deixou de ser restrita, migrando do privado para o público de modo tão espetacular e surpreendente que, talvez, a maioria dos usuários da Internet não tenha se dado conta da revolução que acontecia na comunicação interpessoal e mundial.

Em Lejeune (2008), verificamos que o antigo diário é uma série de vestígios com propósito de balizamento do tempo por meio de sequência de referências, não necessariamente para acompanhar o fluxo do tempo, mas de fixação do momento-origem. Para ele, o vestígio único será não um diário, mas um “memorial” (p.260). Neste aspecto, o diário, na versão eletrônica não é diferente da versão manuscrita. Quanto ao diário e a pessoa, Philippe Lejeune menciona:



Desde o fim do século 18, o diário se pôs a serviço da pessoa. Prova disso são as meditações de Eugène Dabit sobre as múltiplas funções de suas cadernetas⁵. Ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida. O texto que se confia assim ao papel é um vestígio dessa conduta. Qual seria sua utilidade? (LEJEUNE, 2008, p.261).

O diário, segundo Lejeune, é uma versão moderna das artes da memória da Antiguidade, um local ou espécie de suporte de arquivo e ação, feito para sobreviver com apelo a uma leitura posterior, mesmo quando se trata de uma modesta contribuição para a memória coletiva. As atitudes de desabafo, autoconhecimento, deliberação, resistência, pensamento e escrita presentes em um diário antigo se transpuseram para os *e-mails*, *blogs*, *chats*, e, ultimamente, para as redes sociais digitais como o Facebook. Em redes sociais, também verificamos tais atitudes sendo exercidas de modo peculiar, quando o íntimo e o pessoal são oferecidos para uma plateia virtual de leitores, a fim de repercutir e expandir a audiência de algum modo em rede: sobre o que se escreve, pensa ou posta. Para Lejeune, a escrita em um diário só se mantém porque se gosta de escrever:

É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar. Um caderno no qual nós contamos – ou folhas que mandamos encadernar – é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá. O prazer é ainda maior por ser livre. Qualquer um se sente autorizado a manejar a língua como quiser, escrever sem medo de cometer erros. Pode-se escolher as regras do jogo. Ter vários cadernos. Misturar os gêneros. Fazer de seu diário, ao mesmo tempo, o observatório da vida e o ponto de encontro de seus escritos. Um diário raramente é corrigido e, no entanto, tem-se a impressão de progredir. O diarista não tem a vaidade de se acreditar escritor, mas encontra em seus escritos a doçura de existir nas palavras e a esperança de deixar algum vestígio (LEJEUNE, 2008, p.265)

O prazer ou a necessidade da escrita se manifestam em qualquer suporte ou ambiente. As pedras, as paredes, as superfícies de qualquer objeto como portas e troncos de árvores, o próprio chão ou as areias da praia servem como refúgio para as palavras. No papel, o texto encontrou uma sensível receptividade para se instalar. Já no computador, que simula as páginas de um caderno ou de um livro, o texto parece fluir com desenvoltura ainda mais sugestiva, apesar de ainda estar próximo dos hábitos da escrita impressa em papel, com a qual nos acostumamos por séculos. A Internet é um hipertexto contínuo que nos move e nos desloca como leitores em todas as direções no ciberespaço. Marcuschi (2010) entende por *hipertexto* a forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem. O diálogo com diferentes interfaces semióticas faz com que outras formas de textualidade sejam adicionadas e acondicionadas:

O hipertexto reúne condições virtuais de materializar a proposta paulofreireana até às últimas consequências. Se para ler/entender a palavra é necessário saber ler antes o mundo, conforme apregoava o educador, o hipertexto vem consolidar esse processo, uma vez que viabiliza multidimensionalmente a compreensão do leitor pela exploração superlativa de informações, muitas delas inacessíveis sem os recursos da hipermídia (MARCUSCHI&XAVIER, 2010, p.210)

A escrita íntima ou autobiográfica conseguiu abrigo além das notas diárias (ou eventuais) feitas em papel, dos livros aceitos por alguma editora para fins comerciais, e além dos blogs virtuais. Nas redes sociais digitais como o Facebook, a prática da escrita frequente (pode ser diária ou não) nos revela o quanto há de satisfatório e de fruição na partilha das

5 Eugène Dabit (1898-1936), escritor francês, representante da literatura proletária.



palavras, no compartilhar de qualquer texto e pensamento, de modo fácil, livre e objetivo. O Facebook, além de rede social, se apresentaria como um diário gigantesco, composto por textos e hipertextos, produzidos e realizados com o auxílio de seus usuários.

Todavia, a escrita que se multiplica, se esvai com a mesma facilidade nas telas dos computadores dos usuários conectados. Os escritos e supostos conteúdos literários postados excessivamente em rede podem ser descartados ou despercebidos com a velocidade típica do universo *on line*. Para localizá-los no Facebook, por exemplo, é preciso pesquisar a linha do tempo do usuário, em que a escrita é feita de modo regressivo. Ou seja, os textos mais recentes aparecem no topo da página, e os textos mais antigos ficam em posição inferior, sendo necessária uma certa dedicação para buscá-los e identificá-los, assim como se procura por fichas e papéis que estão ao fundo do arquivo ou da gaveta. Para apreendê-los, alguns leitores fazem uso do recurso de *print* de telas, ou, simplesmente, se apropriam dos conteúdos das redes sociais copiando e colando em documentos que serão arquivados em seus computadores pessoais, o que já há muito acontece com textos e imagens disponíveis na Internet.

O Facebook, ao reunir bilhões de usuários que podem ser pessoas comuns, celebridades das artes, representantes de marcas de empresas milionárias, além de autoridades políticas e religiosas com milhões de seguidores, costuma promover, entre seus filiados, uma prática de discursos tão distintos, que são frequentes conflitos e atritos entre leitores e autores de textos. Borbulham aí textos que costumam repercutir. Isto também não é novidade, nem privilégio de quem escreve hoje em redes sociais digitais. Embates discursivos entre filósofos, por exemplo, são encontrados na literatura. Muitas obras nasceram por meio de debates e discursos. Em publicações no século XIX, sempre que podia, Arthur Schopenhauer (2005) espetava com palavras seu compatriota Georg Hegel, considerado por ele “um miserável charlatão”:

Em todo caso, o erudito alemão também é pobre demais para ser honesto e honrado. Por isso, as atividades de torcer, enroscar, acomodar-se e renegar suas convicções, ensinar e escrever coisas em que na verdade não acredita... Em consequência disso, na literatura alemã em geral e especialmente na filosofia, a deslealdade também se tornou tão predominante, que é de se esperar a chegada a um ponto no qual, sendo incapaz de enganar qualquer pessoa, ela não tenha mais nenhum efeito (SCHOPENHAUER, 2005, pf. 27)

Mencionar Schopenhauer neste instante tem o propósito de rever um trecho de uma escrita passada que pode se manter viva inclusive dentro do Facebook. O filósofo alemão pode ser citado por qualquer usuário da rede em postagens, como referência de alguma obra produzida por ele, quando e como quiser. Aliás, pode parecer estranho, mas o próprio Arthur Schopenhauer, dois séculos depois de morto, possui um perfil no Facebook com hipertextos e hiperlinks de sua biografia e obras.

A rede social faz com que textos e pessoas transitem no mesmo espaço a despeito do tempo, promovendo interações a respeito de uma imensa gama e possibilidades de assuntos. O Facebook conseguiu reunir elementos que vieram do *e-mail*, *chats*, *blogs*, *links*, *sites* de notícias e de empresas no mesmo ambiente, funcionando também como lugar de busca e fonte de informações e conteúdos variados, entre os quais a literatura e a filosofia. Este modelo pode tratar-se de uma espécie de ensaio para uma “nova literatura” para as atuais e as futuras gerações.

De acordo com o filósofo e sociólogo americano Theodor Holm Nelson, mais conhecido como Ted Nelson, o presente e futuro apontam para a efetivação de uma *transliteratura*. Um dos pioneiros da tecnologia da informação, nos anos 1960, Nelson criou



os termos *hipertexto*, *hipermídia*, *transclusão*, *transcopyright* e *virtualidade*. Nos últimos anos trabalha para a consolidação de seu projeto *Transliteratura*⁶. Para ele, trata-se de um aperfeiçoamento e expansão do hipertexto que deve fugir da imitação do papel em tela. A transliteratura proposta por Nelson pretende-se como um novo gênero universal, destinado a unificar documentos eletrônicos e mídia, apagando limites de formato e facilitando o problema de direitos autorais (é frequente o número de problemas e processos na Internet envolvendo escritores, músicos e cineastas, entre outros, quanto ao pagamento pelos direitos das obras). Com exceção dos direitos autorais, as outras práticas de uso da informação e o compartilhamento de documentos em rede têm sido exercidas livremente. A literatura foi além de antigos limites desde a execução do hipertexto na *web*. Defensor contumaz do texto eletrônico, Nelson vê na *literatura* e na *transliteratura* uma das principais razões para a existência da Internet:

Os tekkies acham que os documentos eletrônicos e a World Wide Web são algo completamente novo e que eles próprios, exatamente como todas as gerações de adolescentes acham que inventaram sexo, e é o segredo deles. Mas não é novo e eles não os possuem. O processamento de texto e a World Wide Web não são intrinsecamente novos. Eles são *literatura*. O que é literatura? Literatura é (entre outras coisas) o estudo e o design de documentos, sua estrutura e conexões. Portanto, os documentos eletrônicos de hoje são a literatura, a literatura eletrônica é a questão, é o que a literatura eletrônica realmente precisa (NELSON, 2007)

Encontramos ainda em Hayles (2009), uma série de reflexões e defesas acerca do texto eletrônico e de sua disponibilização também em rede. Na obra, a autora analisa algumas comparações que costumam ser feitas com o texto impresso. Para ela, a literatura contemporânea já nasce digital:

Tentar ver a literatura eletrônica apenas através da lente da obra impressa é, de forma significativa, não vê-la. Este capítulo visa a fornecer (de forma incompleta) o contexto que abrirá o campo de investigação para que a literatura eletrônica possa ser entendida como parte integrante da tradição literária, e a introduzir transformações cruciais que redefinem o que é literatura. A literatura eletrônica, geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é por contraste, “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de computador e (geralmente) lido em uma tela de computador (HAYNES, 2009, p.20)

Entre tantas abordagens que investigam a literatura e seus significados, o filósofo e crítico literário inglês, Terry Eagleton, afirma que não se pode definir literatura com discursos pragmáticos e caracterizados por objetividades apenas:

o discurso “não pragmático” é parte do que se entende por “literatura”, segue-se dessa “definição” o fato de a literatura não poder ser, de fato, definida “objetivamente”. A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido. Há certos tipos de escritos – poemas, peças de teatro, romances – que, de forma evidente, pretendem ser “não pragmáticos” nesse sentido, mas isso não nos garante que serão realmente lidos dessa maneira. (EAGLETON, 2001, p.11)

Já Antoine Compagnon (2010) observa que a procura por um critério de *literariedade* provoca uma aporia causada pelo hábito da filosofia da linguagem. Para ele, a definição de *literatura* não oferece mais que um conjunto de circunstâncias em que os usuários da língua aceitam empregar o termo. Segundo o escritor e historiador da literatura francesa, é possível ultrapassar essa formulação, pois textos literários são justamente aqueles utilizados pela sociedade, e é esta quem decide se certos textos são literários mesmo fora dos contextos

6 Disponível apenas na Internet em www.transliterature.org



originais (p.44). Compagnon comenta que “a literatura é uma inevitável petição de princípio”. Ele complementa: “*Literatura é literatura*, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura. Seus limites às vezes se alteram, lentamente, moderadamente, mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência (COMPAGNON, 2010, p.45).

3. Considerações finais

Essas discussões circunstanciais nos conduzem a pensar e a repensar sobre os tantos conceitos que cercam o texto literário ou o texto que possua algum valor nesse sentido. Em tempos de escrita no ciberespaço, a ascensão da literatura eletrônica, a utilização frequente do hipertexto, especialmente na Internet e nas redes sociais digitais, tentamos responder se a escrita pessoal na rede social digital *Facebook* pode ser considerada literatura ou uma derivação do que se intitula “literatura íntima”. A prática permanente das escritas de si em redes sociais digitais demonstra a capacidade incalculável de produção textual que, possivelmente, nos coloca diante de uma gama de dois bilhões de colaboradores cadastrados no Facebook, com escritos de si mesmo e suas relações e conexões com o mundo. Essas práticas e olhares sobre o mundo fazem parte da atividade de escritores profissionais como jornalistas, romancistas, cronistas, contistas, poetas, ensaístas, quando estes abordam questões simples ou complexas da vida humana em qualquer suporte textual. Em tempos de democracia digital, o internauta/leitor/escritor possui as mesmas oportunidades de expressar e publicar suas impressões e vivências deste mundo. A escrita coletiva nestas primeiras décadas do século XXI permite-nos especular que inauguramos e executamos uma nova era da escrita e da literatura.

Referências

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. – 4ª. Edição - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HAYLES, N. KATHERINE. *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário*. 1ª edição. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2008

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antonio Carlos, (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido* -3. ed – São Paulo: Cortez, 2010.

MEZRICH, Ben. *Bilionários por acaso: A criação do Facebook, uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.



VII ENLETRARTE

Encontro Nacional dos Professores de Letras e Artes
DO PAPEL AO PALCO: ATOS DE RESISTÊNCIA

02 a 04 de Outubro de 2018
Campos dos Goytacazes/RJ

SCHOPENHAUER, Arthur, *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2015